



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONJUNTURA POLÍTICA NAS PÁGINAS DA GAZETA IDADE D'OURO DO BRAZIL (BAHIA, 1811-1820)

Maria Aparecida Silva de Sousa*
(UESB)

RESUMO

O artigo discute o papel exercido pela gazeta Idade d'Ouro do Brazil, implantada na Bahia em 1811, poucos anos após a transferência da sede da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Testemunha dos amplos acontecimentos políticos que marcaram a Europa Ocidental no período, a gazeta, ao mesmo tempo em que acompanhava com grande interesse as alterações em curso, buscava distinguir a estabilidade da América portuguesa e, em especial da capitania da Bahia, da crise que assolava a Europa e a América hispânica nas primeiras décadas do Oitocentos.

Palavras-Chave: Bahia, Idade d'Ouro do Brazil, Século XIX.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros meses de 1811, os residentes de Salvador foram informados sobre a implantação de uma tipografia na cidade e a criação da primeira gazeta da Bahia. As motivações para o empreendimento constaram de um prospecto distribuído ao público um dia antes de lançamento do primeiro número, em 13 de maio:

A predileção, com que S.A.R. o Príncipe Regente N. S. distinguiu sempre esta Cidade desde o feliz momento, em que seu Pavilhão Real assombrou esta Bahia, tem sido o manancial de Graças

* Professora Adjunta do Departamento de História da UESB. Coordenadora do projeto de pesquisa "Nação, Revolução e Liberalismo: Conjuntura e vocabulário político nos periódicos da Bahia, 1811-1850" financiado pela UESB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Museu Pedagógico-Sociedade e Política no Brasil Imperial e Republicano (GEPS). E-mail: mariacida3@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sucessivas, que nos fazem augurar a concessão de outras cada vez maiores [...]. (Prospecto da Gazeta da Bahia, 1811).

O longo comunicado afirmava que a despeito do estado convulsivo e devastador pelo qual as “Nações civilizadas do Universo inteiro” atravessavam, o “vasto império do Brasil” gozava da maior tranqüilidade e progresso que poderiam ser medidas por suas recentes transformações: “As Ciências diariamente se promovem, a agricultura se dilata, as Artes se estendem, as Fábricas se erigem, o Comércio floresce, e as Quinas Portuguesas são consideradas com respeito nos mares do novo, e velho mundo. As riquezas afluem de toda a parte, as comodidades aumentam-se cada dia, a Justiça, e a Paz deram se amigavelmente as mãos para nossa felicidade”. Esta era, portanto, uma verdadeira “idade de ouro” e não poderia ser outro o nome escolhido para uma gazeta que pretendia acompanhar de perto esse crescimento do Brasil, pois “nem a crítica mais severa tem que repugnar à bem merecida aplicação de um nome tão especioso”. Tantas alterações eram devidas às virtudes de um príncipe magnânimo e sua “providentíssima Regência” distintas de qualquer outra, em qualquer tempo “que se assemelhe ao que a Providência suscitou em nossos dias para Fundador deste Império Brazílico”. O governador da Bahia, d. Marcos de Noronha e Brito, também era parte importante nesse quadro de mudanças e, por isso, a gazeta se comprometia a ter “um padrão durável, que anuncie as gerações futuras as desveladas fadigas do seu Governo”. De acordo com o prospecto, a gazeta circularia duas vezes por semana, às terças e às sextas-feiras, ao custo de oitenta réis e, ocasionalmente, com suplementos extraordinários. O enfoque do noticiário dar-se-ia sobre as decisões ministeriais e sobre os acontecimentos “do tempo presente assim Nacionais, como Estrangeiras; desta Cidade, e de todas as deste Continente” e, nesse sentido, uma atenção especial seria dada à prosperidade do comércio interno e externo, assim como a todo “Invento útil nas Ciências, nas Artes, nas Manufaturas, &c.”(Idem).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Embora o editor esclarecesse que ao prometer imparcialidade se denunciava indiretamente a sua falta e que “todo o homem honesto, muito mais o instrutivo redator, deve a si próprio, e ao Público a mais estrita veracidade”, o conteúdo da gazeta estava submetido à revisão de um censor, cargo que por algum tempo foi ocupado pelo próprio governador da Bahia. Além disso, a portaria de 5 de maio de 1811 expôs as regras que o periódico deveria seguir, entre elas, a determinação de “contar as notícias Políticas, sempre de maneira mais singela, anunciando simplesmente os Fatos, sem interpor quaisquer Reflexões, que tendam direta ou indiretamente a dar qualquer inflexão à opinião pública” (SILVA, 2005: p. 26; CARVALHO, 1923).

Foi com essa caracterização que o Idade d’Ouro do Brasil começou a circular em 14 de maio de 1811 e durante dez anos, com apenas uma interrupção temporária, foi a principal fonte de informações dos habitantes da capitania da Bahia.¹²⁶ Mesmo que se considere o controle exercido pelas autoridades régias sobre o conteúdo do Idade d’Ouro, típico das publicações existentes no Antigo Regime, a gazeta desempenhou um papel importante sobretudo no ambiente societário de Salvador que, nesse período, passava por significativas alterações.

O segundo decênio do Oitocentos foi um período de definições fundamentais para as monarquias européias e para a Coroa portuguesa em

¹²⁶ Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, o periódico possuía assinantes em outras localidades do interior, a exemplo da Vila de Cachoeira e também era enviada para o Rio de Janeiro. Op. cit., p. 59. Os estudos sobre o papel desempenhado pelos periódicos no período do movimento constitucionalista ainda estão para ser feitos. Sobre a Bahia, consultar: SILVA, Maria Beatriz Nizza da, op. cit., 2005 e da mesma autora: “Repercussões do movimento constitucional português de 1820 na Bahia e no Rio de Janeiro”. *Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia*, v. 51, 1994, Salvador-Bahia; NEVES, Maria Lúcia Bastos P. das. “Cultura e política na Independência do Brasil sob a ótica dos folhetos e jornais baianos (1821-1823)”. *Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia*, v. 51, 1994, Salvador-Bahia, p. 191-205; SENA, Consuelo Pondé de. A imprensa reacionária na Independência. Sentinella Bahiense. Salvador: Centro de Estudos Baianos/Publicação da UFBA, n. 100, 1983. Para uma visão mais ampla sobre a imprensa nesse período: RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988 (Ed. fac-similar)



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

particular. De várias maneiras, as notícias davam conta sobre os últimos acontecimentos na Europa e era por meio delas que os indivíduos apercebiam-se das mudanças em curso. Pretende-se, aqui, indicar a linha de abordagem que a gazeta imprimiu às manifestações da crise política mundial nesse período a despeito dos limites a que estava submetida.

Relatos descritivos a partir da transcrição de outros periódicos da Europa constituíam as primeiras informações da gazeta que trazia também, ocasionalmente, algumas pequenas inserções com comentários do redator. Nos primeiros meses de 1811, o que prevalece são as notícias acerca da expulsão do exército francês de Portugal, que havia ocupado o território desde a saída da família real anos antes. Já em seu primeiro número, o periódico registra a mudança da situação para os invasores: “Aqueles que foram insultados violentamente pelos inimigos, não lhes dão agora quartel, e os passam irremissivelmente à espada. A vingança é instinto natural do homem, e a pena de Talião a primeira e anterior a todos os Códigos penais”. Na edição seguinte, as informações recebidas eram ainda mais auspiciosas: “Chegou no dia 14 do corrente um navio do Porto que nos traz as notícias mais satisfatórias [...]. Diz o Diário: ‘Coimbra, 14 de março de 1811. Está decidida a demanda a nosso favor: Escapou Coimbra do ataque, e a Nação está livre da escravidão!’” (Idade d’Ouro do Brazil, 1811, n. 1). Dois meses depois a gazeta referia-se à Proclamação dos Governadores do Reino ao Povo português que, pelo seu teor, era digna de ser memorizada por ser “um resumo de todas as nossas vitórias; uma explosão do regozijo patriótico; um testemunho de gratidão, e reconhecimento aos cooperadores da restauração da Pátria, e da glória da Nação”, transcrevendo o documento em suplemento extraordinário no dia seguinte (Idem, n. 4). Da mesma maneira, a reação do parlamento britânico ao feito das tropas portuguesas é destacada em alguns de seus números, inclusive, a proposta de concessão de dois milhões de [libras] esterlinas para auxiliar as rendas públicas de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Portugal. Diante de tamanha benevolência, o redator perguntava: “Depois de um tão decisivo fato que mais se não pode esperar da lealdade da Grã-Bretanha?” (Idem, n. 6).

Ao que parece, o entusiasmo da gazeta pela vitória do Reino europeu sobre o exército francês só seria superado pelas informações promissoras acerca das desventuras de Napoleão Bonaparte na tentativa de invasão da Rússia. As notícias eram divulgadas à medida que novos periódicos eram recebidos e, pelo visto, o interesse despertado pelos acontecimentos externos independia das rápidas mudanças na conjuntura política. Pelo suplemento extraordinário de 8 de janeiro de 1812, os leitores ficaram sabendo da chegada dos periódicos vindos de Londres. Era por meio deles que se obtinham os relatos sobre a movimentação do exército francês e das tropas aliadas.

A cada número, o *Idade d’Ouro* reproduzia o alvoroço pela “liberdade da Europa” a partir da surpreendente atuação dos soldados e da população russa. Mesmo alertando que os desdobramentos das ações militares ainda eram desconhecidos por aqui, o redator reafirmava sua disposição em expor fielmente “a seu tempo de tudo, que for digno de memória”. Ainda assim, seguindo a tendência do periódico inglês, acreditava que o conflito na Rússia estava decidido e aproveitava para manifestar suas condolências a todos os partidários de Napoleão Bonaparte. A descrição da campanha da Rússia ocupou várias páginas da gazeta e mesmo de alguns suplementos extraordinários. Em um dos números, o redator esclareceu que embora o registro amplo dado ao tema parecesse fastidioso, respondendo possivelmente a queixa de alguns leitores, o resultado daquelas operações militares teria conseqüências importantes sobre os destinos da Europa e, por isso mesmo, mereceriam ser acompanhadas com atenção.¹²⁷ Mesmo após a

¹²⁷ Idem, n. 11, 5 de fevereiro de 1813; n. 17, 26 de fevereiro de 1813. Em *post-scriptum*, o último número informava que: “Chegou aqui o pacote de Londres, e dá a feliz notícia de que a guerra da Rússia ficava



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

derrota do exército napoleônico naquele território, a gazeta continuou a relatar os passos do Imperador francês reproduzindo artigos que o descreviam de maneira ainda mais repulsiva ou introduzindo pequenos comentários que reforçavam essa percepção. Na edição de 24 de junho de 1814, o enfoque é dado sobre a sua abdicação em Fointanebleau. A essa altura, Luiz XVIII, da dinastia dos Bourbons que havia sido destronada em 1789, retomara o trono e os soldados não mais deviam obediência ao ex-imperador. O redator avalia que esse desfecho de Napoleão Bonaparte já era esperado e por isso Montesquieu tinha toda razão quando afirmou que: “o excesso do despotismo é o princípio da liberdade” (Idem, 1814, n. 50).

A partir de então, o periódico reproduz algumas notícias sobre as deliberações do Congresso de Viena e os esforços da Europa para “restituir as coisas do modo possível a aquele estado, em que se achavam antes da revolução, e banir a terrível mania dos inovadores, que tem querido curar os males da espécie humana com remédios que só servem de agravar as moléstias. Quando não se sabe o que se deve fazer, é melhor não fazer nada”. Aos poucos, o comércio de exportação também retomava seu ritmo, conforme informações que chegavam da França dando conta de que “muitos Navios Portugueses” deram entrada em seu porto “e de outras Nações, dando nova atividade ao Comércio paralisado há tantos anos pelo Sistema Continental” (Idem, n. 60). A notícia sobre a elevação do Brasil à condição de Reino Unido ocorrida em 16 de dezembro de 1815 foi dada com grande destaque juntamente com as muitas comemorações promovidas pelo Senado da Câmara nos primeiros meses do ano seguinte. Segundo a gazeta, a cidade foi iluminada por oito noites consecutivas, assim como a fortaleza do mar

concluída pela total derrota do Exército francês. Bonaparte escapou com o seu Estado maior, e tinha entrado em Paris no mês de Dezembro”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

que deu várias salvas de tiro. Como parte dos festejos, “publicou-se um bando pelo qual se concederam máscaras, farsas decentes e bailes [...]” (Idem, n. 17).

Os números do Idade d’Ouro pesquisados, no entanto, demonstram que as notícias sobre os acontecimentos vinculados à América espanhola eram bem mais restritas do que às destinadas aos desdobramentos na Europa. As poucas referências são dadas às operações militares na Península Ibérica e, ocasionalmente, algumas informações sobre as colônias da Espanha. Não se pode esquecer que as convulsões políticas atingiram particularmente esse território, o qual, a partir de 1810, experimentou um aguçamento das lutas, inclusive com o aparecimento de importantes periódicos (PIMENTA, 2002: p. 78). Certamente a reserva da gazeta explica-se pela censura mais vigorosa a que estava submetida tendo em vista a natureza dos movimentos vivenciados pelas populações hispano-americanas. É o que se percebe em um comunicado de 1812:

A Biblioteca Pública recebeu os periódicos e folhas de Londres até o princípio de setembro. Além daqueles de que é subscritora, subscreveu de novo a um intitulado O Espanhol. Este periódico parece bem escrito e divisa-se nele muita imparcialidade e muita doutrina, que inspira aos povos o amor da pátria e do governo e que os faz detestar a mania revolucionária e o subversivo sistema com que a França pretende infelicitar o mundo com o pretexto de o regenerar (apud SILVA, 2005, p. 40).

Ao comentar outro artigo desse periódico, o redator reproduzia a sua posição – e concordava – de “que princípios gerais de política não valem nada em mil casos particulares; e que o Francesismo, que tem esquentado alguns cérebros está tão longe de gerar a felicidade dos povos, que antes ele é essencialmente gerador de escravidão, e de sangue” (Idade d’Ouro do Brasil, 1813, n. 10). De



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

qualquer modo, algumas informações foram divulgadas ainda que a perspectiva fosse sempre a da inevitável derrota dos insurretos, além de uma crítica aguda sobre as suas proposições de alteração dos princípios políticos em vigor. Ainda em 1813, o redator divulgou que “pelas Gazetas de Havana” ficou-se sabendo que “a insurreição da América espanhola ao Norte” havia sido de todo pacificada e o povo aquietado-se. Sem deixar de acrescentar: “O número de vítimas sacrificadas pelo ferro, e a fome enquanto durou a revolução faz arrepiar os cabelos; e ainda quando aquela louca insurreição sortisse o melhor efeito, que se pode imaginar, não valia a pena de tanto sangue, tantas calamidades” (Idem, 1813, n. 17).

Embora as notícias sobre o reordenamento da Europa fossem mais expressivas, certas informações evidenciavam que nem tudo estava totalmente controlado pelos soberanos. Na edição de 28 de novembro de 1815, por exemplo, divulgou-se uma tentativa frustrada de conspiração na Coruña contra o governo da Espanha o que, segundo o artigo, era uma demonstração de que a população estava satisfeita com o seu Rei. Os insurretos teriam publicado a Constituição das Cortes Extraordinárias, mas foram sufocados antes que tivessem qualquer êxito. No ano seguinte, a gazeta referia-se a um documento diplomático sobre o estado da França no qual os ministros reconheciam a persistência de alguns germes revolucionários, “contudo, esperam que o Governo paternal de Luiz XVIII evite qualquer revolução. Tão persuadidos estão de que se deve governar com moderação e amor” (Idem, 1815, n. 26).

A rigor, o que deve ser ressaltado, é que a despeito desse desprezo do Idade d’Ouro sobre as alterações em curso na América espanhola não se pode afirmar o desconhecimento desses fatos pelos portugueses americanos. Ao analisar o comportamento da Gazeta do Rio de Janeiro no decorrer da conjuntura dos anos 1810, João Paulo Garrido Pimenta conclui que os desdobramentos da política hispano-americana eram acompanhados com grande interesse não apenas pelas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

autoridades régias como também pelos indivíduos interessados em política nos centros mais importantes da América portuguesa. Um dos elementos indicadores dessa percepção é a incorporação de um novo vocabulário político condizente com as convulsões do período. Nessa direção, o horizonte de expectativas dos protagonistas referido a um espaço de experiência que remonta aos processos revolucionários de fins do século XVIII, sinalizava uma violenta crise das instituições monárquicas e a busca de alternativas visando a sua superação. A manifestação dessa crise dar-se-ia de maneira distinta nos impérios espanhol e português e, por isso mesmo, resultaria em tentativas de soluções também diferenciadas (PIMENTA, 2002: p. 125; 2003: p. 123-139; NEVES, 2003).

O tipo de enfoque dado pela Gazeta do Rio de Janeiro aos acontecimentos políticos da América hispânica, conforme analisado por Garrido Pimenta, é muito semelhante ao encontrado na gazeta Idade d'Ouro do Brasil. Termos como “revoluções, insurreições, sublevações” foram utilizados para expressar as ocorrências no período, sempre com uma conotação negativa, e relacionam-se às diversas formas de intervenção de seus portadores, incluindo aí também os homens do Estado português. Não poderia ser diferente uma vez que os dois periódicos foram criados sob as condições de vigência do Antigo Regime e com o claro propósito de reafirmar a política da monarquia portuguesa. Os vocábulos sinonimizam, assim, “a ameaça de que as convulsões políticas da América espanhola pudessem atingir a ordem vigente na América portuguesa, o que por seu turno equivale ao reconhecimento de algum tipo de fissura interna nesta” (PIMENTA, 2003: p. 130). Com essa perspectiva, é possível supor que o movimento ocorrido em Pernambuco, em 1817, representaria a possibilidade de concretização de um abalo das estruturas de poder do Estado monárquico referenciado anteriormente pelo vocabulário político.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Ao que tudo indica, o Idade d'Ouro não deu muita atenção ao que ocorria na capitania do Norte até o momento em que já não era mais possível ignorar a dimensão dos acontecimentos. Para o redator, a gazeta havia tentado não se “enxovalhar” com aqueles atentados, mas, diante dos desdobramentos, passou a dar-lhes cada vez mais destaque um mês após os eventos iniciados em 6 de março. Na passagem abaixo fica evidenciada a aproximação estabelecida entre as pretensões dos “infames” rebeldes de Pernambuco e os envolvidos nos conflitos políticos da América hispânica:

Segundo notícias mui averiguadas de Pernambuco contamos com a maior probabilidade que a detestável rebelião daquele país é só perigosa e terrível para os seus infames agentes. A fome já principia a consternar o povo e a desfazer dos olhos a venda que os tapou para não verem as fatais consequências da ignorância e maldade que presidiu ao conselho infernal dos traidores. A peça que se representa no Recife é uma verdadeira tragicomédia, que já toca o último ato do entremez pelo aleivoso casamento do infame [Domingos José] Martins com a filha de um negociante que teve a desgraça de ser rico para ser presa de um salteador, que talvez não visasse na sua rebelião senão a posse de uma noiva que não podia conseguir de outra maneira. Que homem! Que homens! Desfaça-se a máscara do filosofismo pedantesco, e ressoe o clarim da verdade por toda a extensão da terra: Povos inocentes e mal-avisados, que por ocupados em vosso comércio e lavoura não tendes tempo de estudar e conhecer os mistérios da iniquidade! Desenganai-vos, que o nome de patriota, já em voga em alguns pontos da América, é sinônimo de impostor, de perturbador e velhaco. Os patriotas não se lembram do bem



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

público, lembram-se da sua fortuna particular. Não tem pena dos vossos males; tem inveja dos vossos bens. São Robespierres e Marats, conhecei-os e fugi-os.¹²⁸

Aqui também é possível estabelecer uma conexão entre as referências feitas aos integrantes do movimento – “criminosos”, “rebeldes”, “malvados”, “facinorosos” – e a posição tomada pela Gazeta do Rio de Janeiro, embora o enfoque dessa última tenha se dado somente após o controle da situação pelas tropas realistas. Tanto essa postura de depreciação quanto o silêncio inicial em relação aos acontecimentos faziam parte de uma tática importante do governo, qual seja, a de não tornar público eventos que atentavam contra a legitimidade política do monarca (PIMENTA, 2003, p. 133). Na visão dos periódicos, seja na Bahia, seja no Rio de Janeiro, a “funesta rebelião de Pernambuco” era fruto “da trama de alguns malvados” e não havia contado com o apoio da população que muitas vezes dera mostras de sua vassalagem ao soberano. Mas, mesmo assim, alguns sinais denotam que o evento político não era considerado tão insignificante como o periódico fazia parecer. Ainda em outubro de 1817, o *Idade d’Ouro* se referiu à dimensão do perigo naqueles dias turbulentos:

No Recife tem-se castigado até agora muitos negros e mulatos, os quais, apesar de não serem revolucionários, aproveitaram-se das desordens dos provisórios para cometerem toda a espécie de insolência, de tal sorte que, se dura mais alguns meses aquela infame facção, ficava perdida de todo aquela cidade, porque os insolentes entravam de mão armada pelas casas, atacando a honestidade e roubando sem distinção. Quanto é perigosa (maiormente em país de

¹²⁸ Apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva, op. cit., p. 284-285. A autora transcreve trechos dos artigos da gazeta sobre os eventos em Pernambuco servindo aqui de referência.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

escravatura) uma louca insurreição, que transtorna os princípios da ordem pública! (Apud SILVA, 2005, p. 301).

Após esses acontecimentos, a gazeta continuou a acompanhar as intervenções para restabelecimento do equilíbrio na Europa. Em suas páginas, o recente Brasil Reino também seguia o seu ritmo progressivo. O conteúdo do periódico assumia, assim, a perspectiva anunciada pelo prospecto em maio de 1811, a de valorização das potencialidades do Reino e, em particular da Bahia, cujas condições para efetivação da sua riqueza estavam ainda mais propícias nos últimos anos dessa década. A aclamação de d. João VI no Rio de Janeiro, “de quem todos se julgam mais filhos do que vassallos”, em 6 de fevereiro de 1818, confirmava as boas perspectivas. Nesse mesmo dia, um decreto determinou a suspensão das devassas resultantes dos acontecimentos de Pernambuco. Ao avaliar a iniciativa do monarca, o gazeteiro afirma que o seu comportamento superava a outros reis na história: “Mas para que havemos nós gastar palavras em louvar um Rasgo de Bondade dos Nossos Reis? Quem não sabe o que eles sempre foram? Ninguém o ignora” (Idade d’Ouro do Brazil, 1818, n. 28).

O suceder dos anos aprofundaria a insatisfação dos portugueses d’além-mar pela permanência do monarca em terras americanas, algo que, até esse momento, não merecera nenhum comentário do Idade d’Ouro. Todavia, a irrupção do movimento constitucionalista no Porto em princípios dos anos 1820 evidenciou os limites do Estado absolutista para conter as vigorosas tensões, até então amortecidas, no interior do Reino Unido (JANCSÓ, 2003 e 2005; SLEMIAN; PIMENTA, 2003). Nessa nova conjuntura, a representação de uma idade de ouro consagrada nas páginas da gazeta dissolveu-se propiciando a expressão de distintas perspectivas políticas resultantes do agravamento da crise. A partir de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

então, novos elementos estariam em jogo e com eles a redefinição do lugar a ser ocupado por uma Bahia convulsionada.

FONTE:

Idade d'Ouro do Brasil. Bahia, na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva (números 1811, 1813, 1814, 1815, 1818)

Prospecto da Gazeta da Bahia. Bahia, na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, ano de 1811. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Setor de Periódicos Raros.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Aloysio de. "A imprensa na Bahia em 100 anos". **Diário Oficial do Estado da Bahia**. Edição comemorativa do Centenário da Independência. Salvador, 1923.

JANCSÓ, István. (Org.). **Brasil: Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec/Fapesp; Ijuí: ed. Unijuí, 2003.

_____. (Org.). **Independência: História e Historiografia**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e constitucionais**. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2003.

_____. "Cultura e política na Independência do Brasil sob a ótica dos folhetos e jornais baianos (1821-1823)". **Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia**, v. 51, 1994, Salvador-Bahia, p. 191-205.

PIMENTA, João Paulo G. **Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

_____. "a política hispano-americana e o império português (1810-1817): Vocabulário político e conjuntura". In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil: Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec/Fapesp; Ijuí: ed. Unijuí, 2003, p. 123-139.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**, 1500-1822. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988 (Ed. fac-similar).

SENA, Consuelo Pondé de. **A imprensa reacionária na Independência**. Sentinella Bahiense. Salvador: Centro de Estudos Baianos/Publicação da UFBA, n. 100, 1983.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil**. 2. ed. revista e ampliada. Salvador: Edufba, 2005.

_____. "Repercussões do movimento constitucional português de 1820 na Bahia e no Rio de Janeiro". **Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia**, v. 51, 1994, Salvador-Bahia.

SLEMIAN, Andrea; PIMENTA, João Paulo G. O "**nascimento político do Brasil**". As origens do Estado e da nação (1808-1825). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de Sousa. **Bahia: de capitania a província, 1808-1823**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008 (Tese de Doutorado em História Social).